

Ajuda federal é necessária, diz Hartung

Ex-governador que marcou inflexão no Espírito Santo diz que crise do Rio é muito maior por causa das milícias e requer mobilização da sociedade

Entrevista de Cristian Klein com Paulo Hartung

21/09/2020, Valor Econômico

A crise política, econômica e social tem feito o Rio de Janeiro buscar no vizinho Espírito Santo um exemplo de guinada. O Estado, entre a década de 1990 e início dos anos 2000, estava cooptado pelo crime organizado e se tornou necessária até uma força-tarefa federal para combater o esquema de tomada do aparelho estatal que, a partir da Assembleia Legislativa, se espraiava pelo Executivo, Tribunal de Contas do Estado (TCE), Ministério Público e Judiciário. Era uma situação “igualzinha” ao que o Rio vive hoje, conta o ex-governador Paulo Hartung, cuja eleição em 2002 representou uma inflexão na política capixaba. Para Hartung, o que propiciou a virada foi o forte engajamento da sociedade civil, que apoiou o enfrentamento ao grupo que dominava o Legislativo, onde o ex-presidente mais notório era o bicheiro José Carlos Gratz.

Um grupo de empresários, líderes religiosos e políticos de oposição se levantou contra o assalto ao Estado e criou dois movimentos que se tornariam uma força pela renovação: o Reage Espírito Santo e o Espírito Santo em Ação, que se mantém ativo até hoje.

Apesar das semelhanças entre as crises, Hartung ressalta que o desafio do Estado era uma “miniatura do Rio”, em termos de população - 23% da fluminense - e “de tudo”. “A escala do problema do Rio é muito maior. E o fenômeno das milícias, com essa formatação, com policiais aposentados etc, não tivemos aqui”, afirma.

Ainda assim, Paulo Hartung lembra que o Espírito Santo teve “tudo que se possa imaginar”, como o assassinato, em 2003, do juiz Alexandre Martins, que combatia o crime organizado. Leis da Assembleia eram aprovadas para extorquir empresas como a antiga Aracruz Celulose (hoje Suzano). A Xerox, depois de cobrança de propina, decidiu sair do Estado.

“Esse problema das milícias no Rio é gravíssimo. É preciso ter ajuda federal”, defende. O ex-governador diz que no Espírito Santo a força-tarefa foi útil para poder dismantelar os grupos criminosos. “A União tem Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, inteligência das Forças Armadas. Tem como ajudar muito, e não só na Copa do Mundo ou Olimpíada e depois desaparecer. Isso tem solução. Veja a evolução das cidades da Colômbia”, diz.

Para Hartung, uma guinada no Rio requer o mesmo envolvimento firme da sociedade civil e participação da mídia, o que favorece a sustentação de medidas impopulares. Um ajuste fiscal “duríssimo”, em 2003 e 2004, foi conduzido, não sem resistência do funcionalismo público. “Quem governa no Brasil enfrenta a luta das corporações. Tem que ter sangue frio”, defende. Ele lembra que associações de servidores alugavam outdoors para criticar as medidas, e a população, em regra, não sabe o interesse que está por trás. “É preciso ter fôlego de baleia porque você vai apanhar”, diz.

Avô de dois “carioquinhas”, é conhecedor das mazelas do Rio pela frequência de debates, como os da Casa das Garças, ou pelos pedidos de conselho: “O Pezão me chamou para conversar, mas não me ouviu”.

Em 2018, Hartung declinou da proposta do ex-presidente do Banco Central Arminio Fraga para concorrer a governador do Rio. “Tem muitos Arminios no Rio que precisam se juntar. Imagine uma virada de página com o potencial que tem o Rio”, diz. Para Hartung, não se pode ficar “desesperado” e nem criar razões históricas, culturais ou econômicas como a “doença holandesa” que acomete produtores de commodities, a exemplo do petróleo. “O Estado sofre quando não administra bem. Veja bons exemplos como Dubai e Abu Dhabi [nos Emirados Árabes Unidos]. [Recurso de royalties] Não pode ser para pagar aposentados”, diz.

Esse artigo foi publicado originalmente em:

<https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/09/21/ajuda-federal-e-necessaria-diz-hartung.ghtml>.